

- Diário de Bordo: **Resposta vocacional e a conversão do coração**
- Itinerário Principal (ip): **escuta/resposta**
- Itinerário Complementar (ic): **formação – Carta vocacional 22**
- Drive In: **Vigília pelos Seminários**
- Mapa: **Elementos para se descobrir ou confirmar a vocação pessoal a partir da experiência da misericórdia de Deus - parte II**

mapa de orientação vocacional

PASTORAL DAS VOCAÇÕES - DIOCESE DE VISEU
www.vocacoes.diocesedevisau.pt

ic

Carta vocacional 22

Ainda que muitos não acreditem, trabalhar na pastoral vocacional não é uma desgraça. Para os animadores de pastoral vocacional, o aparente pouco êxito dos nossos esforços não nos amarga a existência. Vamos aprendendo a ser apóstolos felizes ou, por desgraça, infelizes funcionários, na maneira de nos entregarmos a este nosso trabalho. Em grande medida, depende de nós a alegria de ir semeando a semente límpida da vocação. Não é certo, como alguns pensam, que a vocação possa encontrar-se como se encontra uma moeda caída na rua, mas é algo que se constrói, tijolo a tijolo, como uma casa.

É verdade que a satisfação nunca é completa neste mundo, mas, ainda assim, na pastoral vocacional há razões suficientes que preenchem a nossa vida de entusiasmo. E, ainda que não existam "receitas" milagrosas para conseguir a perfeita alegria missionária, há caminho seguros pelos quais, com certeza, nos converteremos em missionários alegres. E, portanto, credíveis! Apresentam-se uns quantos:

– *Viver em contacto com os jovens.* O afastamento é "suicídio". Tratar de os compreender e de os aceitar tal como são, diferentes de nós. Ceder sempre que não se trate de valores essenciais. E jamais esquecermo-nos que o toque produz sempre carinho.

– *Caminhar mais além,* incessantemente, ainda que seja com alguns retrocessos. Aceitar o lento amadurecimento de todos e de todas as coisas, incluindo dos nossos métodos e modos de fazer pastoral. Aspirar sempre a mais, mas não a demasiado mais. Dar um passo cada dia. Não confiar em excesso nos "saltos da sorte".

– *Valorizar e reforçar os nossos valores.* Descobrir e desfrutar do bom que já temos, como serviço, congregação ou como pessoas. Não esperar pelo encontro com um cego para chegarmos a compreendermos como são formosos e importantes os nossos olhos. Tirar partido do entusiasmo de que nossas mãos se movam sem que seja preciso, para este facto, ver as mãos mortas de um paralisado.

– *Assumir serenamente as nossas partes negativas ou deficitárias.* Carregamos, também, com sombras. Ninguém é perfeito, nem sabemos tudo. Mas isso não nos deve encerrar masoquisticamente nos nossos defeitos, nem levar a engrandecer as coisas que nos faltam. Nem fazer-nos sofrer por medos ou sonhos de possíveis desgraças que provavelmente nunca nos acontecerão.

– *Crer descaradamente no amor.* Ter confiança em que "à grande" – e por vezes, muito "à grande" – o amor é o único método que seduz. Recordou-nos isso o Papa Bento XVI na primeira Encíclica que escreveu: *Deus Caritas Est* (Deus é Amor). Não nos devemos angustiar se outros, aparentemente, seduzem mais os jovens por caminhos retorcidos. Crer na lenta eficácia do amor. Saber esperar sem desfalecer.

– *Preocupar-se mais em amar gratuitamente, sem interesses, do que ser correspondidos.* Manter o espírito sempre jovem e, portanto, sempre aberto a novas experiências. Estar sempre dispostos a rever as nossas próprias ideias, mas não a mudá-las facilmente. Decidir não morrer enquanto estamos vivos. Tratar de amar o trabalho que fazemos, encontrando nele os seus aspetos positivos.

A lista poderia ser mais longa. Ficamos por aqui. Que estas poucas lições sirvam para prosseguirmos o estudo da assinatura mais importante da nossa "carreira" de pescadores de homens: **a alegria de ser pescadores de homens.**

* Adaptada de JUAN CARLOS MARTOS, *Palabras contra el desaliento - Cartas para animadores vocacionales*, Publicaciones Claretianas, Madrid 2013, 55-57.

Resposta vocacional e a conversão do coração

diário de bordo

Nem sempre se pensou a vocação em termos de conversão pessoal, uma vez que, por vezes, na pastoral, as dinâmicas vocacionais sofrem a manipulação da tendência ideológica que antepõe a realização pessoal (dimensão antropológica) à aspiração a praticar a vontade de Deus (dimensão teológica), com a viragem antropológica influenciada pelo desenvolvimento das ciências humanas que, curiosamente, coincidiu com o Concílio Vaticano II. Na receção de tudo o que se declarou neste acontecimento de renovação eclesial, nem sempre o fator da participação foi promovido com o equilíbrio fundamental e necessário das características aí apontadas: plena, consciente e ativa. O florescimento daquelas ciências fez com que esta última característica (participação ativa) fosse a mais votada na pastoral.

Se a participação ativa requer uma conversão moral, já a participação consciente requer uma conversão intelectual; a participação plena reclama uma conversão religiosa, que é a conversão do coração a Deus. Uma vez que a vocação é um caminho onde se coloca, não só os pés, mas toda a vida, é pela conversão do coração que se sugere começar o discernimento de qualquer vocação. Pena é que a ideia de participação tenha sido maioritariamente valorizada pela sua conotação litúrgica, por causa do protagonismo inerente às funções ministeriais, em vez de ser remetida com equilíbrio para todas as dimensões da vida humana e cristã, em vista, até, a uma melhor preparação da celebração dos Sacramentos.

Entregar o coração a Deus é amá-Lo, mesmo sem saber tudo, intelectualmente, sobre o horizonte da vocação e, mesmo, sem saber se se é capaz de o viver com toda a coerência moral. Na ordem dos sentidos, primeiro, a pessoa precisa de ver para crer, investigar e conhecer, antes de aderir; na ordem espiritual, ama-se pela atração de um Amor misericordioso, ultramundano, e faz-se caminho, confiando e entregando a vida. Dar uma resposta vocacional, assim, não nos implica tanto em "ser santos", mas em deixar que Deus nos faça santos. É Ele o Santo, três vezes, para que nós sejamos uma vez, nesta vida, para Ele e para os irmãos. Para quê insistir, pois, que a vocação seja uma questão de mera realização pessoal? Não será esta um benéfico efeito colateral da resposta ao seu amor e da dedicação à sua vontade?

ip *Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.» Deixando logo as redes, seguiram-no. Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco a consertar as redes, e logo os chamou. E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele.*

(Mc 1, 16-20)

Neste mês de novembro, com o Papa Francisco, rezamos...

✱ Para que nos abramos ao encontro pessoal e ao diálogo com todos, também com aqueles que pensam de modo diferente do nosso.

✱ Para que os pastores da Igreja, com profundo amor ao seu rebanho, acompanhem o seu caminho e animem a sua esperança.

✱ Pai Nosso.

drive in

**Vigília de Oração pelos Seminários
Catedral de Viseu, 14 nov. 2015, 21h**

**OLHOU-OS COM
MISERICÓRDIA...**

SEMANA DOS SEMINÁRIOS

8 > 15 NOV 2015

www.seminario.diocesedevisau.pt

Comissão Episcopal Vocações e Ministérios



MEO 300024



No canal *Sondar o Horizonte*, da MEO, muitos espetadores estão à espera do teu testemunho vocacional. Envia-nos o teu vídeo para o email vocacoes@diocesedevisau.pt



Reconciliar-se com Deus é reconciliar-se com o próprio futuro, para onde Ele nos atrai continuamente com o seu Amor, e nos chama a dar-Lhe uma resposta em forma de serviço. Daí que amar a Deus e amar o próximo possam acontecer na mesma atitude (cf. 1Jo 4, 20).

Descobrir a própria vocação ou, simplesmente, confirmá-la para uma sua vivência mais feliz, implica aquela tríplice conversão que foi descrita no Sinaleiro n.º 21, de outubro de 2015, e sintetizada no "diário de bordo" deste mês: conversão religiosa, conversão intelectual e conversão moral.

Nas colunas que se seguem, faz-se uma proposta de exame de consciência com base nestes três níveis de conversão, úteis para viver a misericórdia de Deus em ordem a uma autotranscendência teocêntrica (amar a Deus sobre todas as coisas), para irmos a amar melhor o próximo como a nós mesmos. Para isso, propõe-se que a ordem do discernimento seja: o Caminho, a Verdade e a Vida, tendo por referência Jesus Cristo, a única via de acesso ao Pai (cf. Jo 14, 6).

Trata-se de viver na perspetiva tridimensional a aproximação à misericórdia de Deus para a transformação da vontade pessoal em servi-Lo, de uma capacidade básica para tomar decisões (*will*), passando a ter a coragem de as tomar eficientemente (*willing*), até chegar a um estado em que não se tem necessidade de persuasão para tomar decisões, obtendo uma potência para responder, predisposição ou estado de prontidão para uma decisão definitiva (*willingness*).

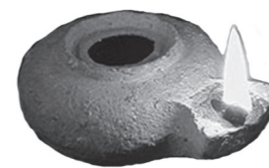
O resultado deste discernimento como exame de consciência, em 3 etapas, poderá ser instrumento para uma melhor vivência Ano da Misericórdia, em que somos chamados – quer os que buscam e quer os que vivem uma vocação – a viver a Reconciliação e a aproveitar o momento oportuno de passar pela Porta Santa da Indulgência Plenária, através da qual também nos podemos ver livres de todos os efeitos do pecado que atrasam ou bloqueiam a decisão vocacional pessoal.

Jesus disse: *Eu sou o Caminho.*

O convite que Jesus nos faz a segui-Lo não é exclusivista, pois Ele não veio fundar uma nova casta, mas salvar toda a humanidade que ainda anda no deserto, sem rumo de felicidade. Ele mesmo Se apresenta assim: «Eu sou a voz de quem grita no deserto: 'Retificai o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías» (Jo 1, 23). Mesmo frágeis, o Senhor quer-nos ligados a Ele com a nossa liberdade; só assim é que Ele nos santificará.

Por isso, começa por sentir-te com os pés dentro da proposta de Jesus, uma vez que Ele já está na tua vida, mesmo que te pareça desajeitado pensares assim. As grandes reações ou resistências às provocações vêm quando se experimenta algo que tenha a ver com esse Caminho. Por isso, nesta primeira fase do exame de consciência, permanece algum tempo (minutos, horas ou dias) a responder às seguintes perguntas ou a outras que te surjam. Devem ser perguntas feitas ao teu coração. Esta parte do exame é pré-moral (ainda não "acusa" de pecado, mas do que pode levar a ele ou não).

- Costuma custar-te a decisão de te deslocares ao encontro de alguém próximo (um irmão, o pai ou a mãe, outro familiar ou amigo) que está doente ou fragilizado, para lhe prestares assistência?
- Considera o sucesso nos teus relacionamentos, estudo ou profissão: a que fonte atribuis mais diretamente esse bem-estar por te sentires na "crista da onda"?
- Quando experimentas estar dentro de algum ato religioso (oração, celebração, festa familiar), que motivações te levam a repetir essa participação: obrigação, não saber como ocupar o tempo, desejo de ver os amigos? Ou que outras motivações? E de que forma participas?
- Nos momentos de maior solidão, pergunta ao teu coração: em que "praia" te sentirias (permanentemente) mais livre?
- De 1 a 10, quantos pontos darias à tua inclinação para te ofereceres a alguma atividade que exija espírito de renúncia ou sacrifício?
- ...



Jesus disse: *Eu sou a Verdade.*

A partir deste momento, propõe-se que o teu exame de consciência provoque a tua mente com o uso da inteligência. Sugerimos-te que dês um passo a mais para fora de ti. Na etapa precedente, as perguntas ao teu coração tentaram respeitar a tua subjetividade, a partir do que sentes e das tuas emoções, que fazem parte integrante da tua história.

Agora, as perguntas que te propomos implicam o debate da intersubjetividade, uma vez que é pela renovação da mentalidade no confronto com as sementes da Verdade existente no que é bom, agradável e perfeito aos olhos de Deus (cf. Rm 12, 2). Daí que, antes da resposta às perguntas, se proponha a leitura de um breve trecho bíblico, ou a observação de algum acontecimento social ou eclesial. Esta parte do exame ainda é pré-moral (ajudando a ver onde estão as "ratoeiras" que te podem levar a estar preso à possibilidade do pecado ou os "links" que te poderão ajudar a ter uma mente sã).

- Abre a tua Bíblia e procura o versículo do Livro do Génesis 28, 15. Por mais que te sintas antustiado/a ou ferido/a com razões, confias na presença de Deus? O que te leva a desconfiar d'Ele? Não haverá intrusos a quebrar essa relação vital para a tua felicidade e o teu desempenho?
- Reza e medita o Salmo 63. Não será que o teu íntimo-mais-íntimo está sedento de Deus? Porque não vais mais vezes a essa fonte que não se esgota nunca?
- Revê nas notícias mais recentes do jornal ou da TV o que se refere aos refugiados. Pergunta-te: não serás, também tu, um/a refugiado/a a caminho de uma terra onde se viva uma paz plena? Que arames-farpados desviar, que trajeto escolher, a que portas bater? Tens coragem de envolver-te, também, na ajuda a esses mesmos refugiados, se vier a ser preciso?
- No quotidiano, já te reparaste a "navegar" em círculos fechados dentro do teu "barco" no "mar" da vida? Não estarás a usar só um "remo"? E se deixares Deus remar também? Pede ajuda a um guia espiritual.
- ...

Jesus disse: *Eu sou a Vida.*

Uma vez percorridas as precedentes etapas do teu discernimento e exame de consciência, em ordem a viveres melhor o horizonte em que poderá estar inscrita a tua felicidade mais plena, pela liberdade afetiva de responder a esse chamamento e pelo confronto com a Verdade que te vai iluminando a mente, agora, é necessário avaliar a eficiência, ou melhor, a coerência dos teus atos ou atitudes. Aqueles são esporádicos, as atitudes são um estilo permanente do teu agir.

É preciso avaliar com cuidado, uma vez que já estamos num plano moral. Enquanto que uma predisposição pode ser o espaço da tentação para o mal ou a tendência para o bem; a ação já é realização de qualquer coisa que pode ser boa, menos boa ou, até, grave. Também a inércia há de ser tida em conta como omissão do bem possível.

Propomos, aqui, que faças passar a tua consciência crítica sobre o crivo dos "três p's", ajudado/a pelas respetivas bem-aventuranças que te levarão a percorrer o caminho de uma bem-conseguida (respetivamente, através dos três níveis de autotranscendência: egocêntrica, filantrópico-social e teocêntrica; cf. Sinaleiro n.º 21, out. 2015).

- Reflete sobre o "p" do **possuir**. Avalia a forma como te relacionas com os bens materiais e com os que têm menos do que tu. Confronta a tua **inteligência** com a que Jesus promete em **Mt 5, 3**.
- Reflete sobre o "p" do **prazer**. Avalia a forma como respondes aos teus desejos e com que satisfação. Confronta o teu **afeto** com o que Jesus promete em **Mt 5, 8**.
- Reflete sobre o "p" do **poder**. Avalia a forma como te relacionas com os outros e que grau de manipulação exerces sobre eles. Confronta a tua **vontade** com o que Jesus te promete em **Mt 5, 7**.
- As tuas escolhas diante das tentações destes "três p's" desenham o teu caminho, mas, não te esqueças: nunca o poderás fazer sozinho, se quiseres alcançar uma felicidade cada vez mais fundada em Deus e aberta aos outros. Por isso, no final deste exame de consciência leva, arrependido/a, os teus pecados (ações de mal ou omissões de bem) ao "altar" do **Sacramento da Reconciliação**.
- Para coroares este desafio, faz uma boa ação! Sai de ti...

